

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO E AS SUAS CONTROVERSAS

Profa. Esp. Aline Ferreira DURÃES¹ (UESSBA)

Resumo:

Este artigo objetiva expor as contradições sócio-históricas existentes na formação do cânone literário. Por meio dessa discussão, pretende-se evocar estudiosos, tais como, Pierre Bourdieu, Harold Bloom, Perrone-Moisés. Traçando suas diferentes vozes a respeito do contexto e consequências históricas das relações de poder que influenciaram esta prática.

Palavras-chave: Cânone, literatura, contradições.

1 Introdução

Discorrer sobre o cânone literário é sempre uma atividade controversa e por meio desse trabalho pretendemos apresentar, de forma concisa, um relato sobre algumas das contradições sócio-históricas existente em sua formação. Antes de qualquer reflexão se faz necessário esclarecer o próprio conceito da palavra.

O termo cânone deriva do grego *kánon* e diz respeito a uma regra, modelo ou norma representada por uma obra ou um poeta. Pode significar relação ou catálogo importante, definido por autoridade reconhecida. Assim, o cânone literário nada mais é do que uma seleção valorizada de livros, conseqüentemente, impõe a exclusão de muitos outros, originando dessa escolha muitas controvérsias.

Essa lista literária, conforme Compagnon (2001) começou a se estabelecer no século XIX, ancorada no nacionalismo e no papel de herói que os escritores desempenhavam ao retratar o forte sentimento pela nação. Todavia, Perrone-Moisés (1998), discorda dessa afirmação e assegura que foram os filólogos alexandrinos os primeiros a fazerem uma lista de autores literários para serem lidos em escolas de gramática.

Na linha do tempo, o cânone clássico nasce na Idade Média, juntamente com Dante e outros escolhidos, guiado pelo latim como forma de seleção do cânone nacional. O Moderno começa no Renascimento italiano, se expande por meio dos escritores subsequentes que legitimam ancestrais em um processo de reconhecimento mútuo (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 175). Já no século XX, mudanças guiam as leituras de obras canônicas de forma bastante prática, pois passa a existir uma preocupação crescente em fornecer leituras formadoras ao currículo dos jovens e instruí-los para “reconhecer” as obras de qualidade estética. Assim, o cânone modernista é formado e reconhecido por especialistas de literatura e leitores que reproduzem esse padrão, mesmo sem entender o sentido de suas escolhas.

Atualmente, frente aos diversos papéis assumidos socialmente e o tempo cada vez mais escasso tem surgido e se propagado, com facilidade, listas de atividades fundamentais, tais como: a lista das melhores músicas, dos lugares que devem ser visitados antes de morrer, dos restaurantes que devem ser conhecidos e dessa forma os livros também devem ser hierarquizados. Segundo Harold Bloom (1995), “Quem lê tem de escolher, pois não há, literalmente, tempo suficiente para ler tudo, mesmo que não se faça mais nada além disso.” (1995, p. 23). Todavia é preciso problematizar essa escolha e levar em consideração os aspectos que tem fundamentado a leitura do livro “A” em detrimento ao “B”. O que iremos explicar no próximo tópico.

O PAPEL DA HISTÓRIA DA LITERATURA

Harold Bloom (1995) afirma que, hoje em dia, o cânone vincula-se de forma direta com os círculos culturais (universidade, editoras, críticos literários) responsáveis por sua subsistência e manutenção, todavia segundo a argumentação de Moreira *apud* Frank Kermode (1998) a formação do cânone ocorre por meio de determinados textos que conseguem manter-se em um processo crítico continuado. Dentro dessa lógica existem elementos textuais, tais como: maior ou menor relação com outros textos, grau de polivalência, boa influência do patrocinador que irá introduzi-lo na crítica e o lugar que ocupa na esfera crítica. Todas estas são características importantes para determinar o grau de interesse que o texto suscitará e por quanto tempo.

Além disso, só é possível entendermos o motivo pelo qual determinado texto ocupa um espaço privilegiado em relação aos outros se recorrermos à história da literatura. Ela é fundamental para percebermos que quanto mais antiga a literatura, mais importante o patrimônio nacional, e, conseqüentemente, mais numerosos os textos canônicos. E os “clássicos” advêm dessas nações que após legitimarem seus textos nacionais fundadores passam elas próprias a delimitar o que é necessariamente literário. “O “clássico” encarna a própria legitimidade literária, isto é, o que é reconhecido como A literatura, a partir do que serão traçados os limites do que será reconhecido como literário, o que servirá de unidade de medida específica” (CASANOVA, 2002, p. 29).

A história literária expõe assim um sistema de exclusão, onde existe uma capital literária universal e regiões que dela dependem literariamente, além de apresentar uma tendência a consolidar modelos de interpretação segundo interesses de grupos.

Um fator que reforça esse modelo excludente de matriz e colônia literária é a centralidade da língua, ou seja, a dominação literária que uma língua pode exercer se relaciona em grau direto com o número de políglotas que a falam e com os tradutores que fazem os textos circularem, assim pode-se falar de uma desigualdade literária das línguas (CASANOVA, 2002).

Além de tudo que dissemos, esclarecedor é perceber, assim como Casanova (2002), que o efeito da crença literária é ocultar o princípio da dominação literária em si e que o espaço literário, centralizado, recusa-se a confessar sua situação de troca desigual, pois:

(...) toda a dificuldade em compreender o funcionamento desse universo literário é, de fato, admitir não serem suas fronteiras, capitais, suas vias e suas formas de comunicação completamente passíveis de serem sobrepostas as do universo político e econômico” (CASANOVA, 2002, p. 25).

Como consequência desse cenário, toda interpretação adversa do consenso da capital, toda bandeira que postule algo diferente do canônico, como o de uma minoria de gênero, classe social, étnica, tende a ser rejeitada, por ser desprezada quanto à capacidade de formular conteúdos que reforcem os valores dominantes.

O CÂNONE LITERÁRIO E A CONTEMPORANEIDADE

Para entendermos o processo pelo qual o cânone passa atualmente, algumas características devem ser esclarecidas. Uma delas é que a Literatura por muito tempo ocupou lugar de destaque dentre as outras disciplinas, um dos fatores que contribuíram para isso é que o acesso às obras literárias era restrito aos membros da elite, uma vez que o poder aquisitivo lhes permitia comprar os livros e frequentar a escola, além é claro, do progresso cultural europeu que essa prática anunciava.

Apesar da democratização cultural ocorrida na década de 70, no caso específico do Brasil, o ensino de Literatura não logrou êxito porque apesar do crescimento do número de estudantes e publicações, a distância entre o leitor e o livro permaneceu grande devido ao alto valor dos mesmos (conf. ZILBERMAN, 1998, P. 51).

Outras mudanças vêm acontecendo quanto à produção e leitura dos textos literários devido aos avanços referentes à tecnologia, inovações na mídia, as exigências de retorno rápido da sociedade capitalista e é neste contexto que surgem os novos escritores:

Os novos escritores não estão nem um pouco interessados em ingressar futuramente no cânone: interessa-lhes ter seus livros rapidamente publicados, traduzidos em línguas hegemônicas, adaptados para o cinema e a televisão: para conseguir esses objetivos, não é necessário “um longo assentimento”, basta figurar na lista dos mais vendidos. A difusão dos livros passa, atualmente, menos pelos críticos e professores universitários do que pelos agentes literários, e pelas várias formas de publicidade (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.176).

Na sociedade atual, guiada pelos grandes escândalos que figuram na mídia e pela publicidade que atrai sem precedentes, o gênero biografia é o tipo de leitura que garante alto teor de

excitação. Ele ganha destaque pelo descortinar de uma vida privada que se expõe aos olhos de pessoas sedentas pelas possibilidades de emoções que se tornam cada vez mais escassas em seu cotidiano regrado por horários rígidos e violência urbana. Dessa forma, o leitor torna-se superficial e o escritor passa a buscar somente o reconhecimento rápido.

De modo geral, os livros de ficção se tornaram mais curtos e mais leves: nenhum pretende ser mais o Livro, e os próprios fragmentos se contentam com ser meros pedaços soltos. Grande parte dos poetas repete receitas das vanguardas históricas ou se contentam com registrar limitadas experiências existenciais, produzindo uma poesia “potencialmente correta”, sem mais. (...) Ocorreu, de fato, uma mutação, e esta não parece favorável a “literatura”, tal como ela se constituiu e firmou, do século XVIII até meados de nosso século: uma literatura que tinha ambição de conhecer e a coragem de inventar, dentro (embora formalmente à margem) de um projeto amplo para o homem e a sociedade. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.179).

Na outra ponta, as editoras passam a faturar grandes somas através de livros de autoajuda (também em decorrência do ritmo frenético da vida contemporânea) e *best-sellers* de entretenimento. Todos estes fatores alteram e acabam por excluir aquela Literatura que requer tempo, dedicação e paciência.

Uma colocação ainda sobre essa temática é a divergência de opiniões entre Harold Bloom e Pierre Bourdier, onde por um lado, Bloom afirma sobre a escassez daqueles que tem a capacidade de tornarem-se leitores e escritores, uma vez que o valor estético não pode ser transmitido (conf. BLOOM, 1994) e por outro lado, Bourdier aponta que a obra de arte só adquire sentido e só tem interesse para quem é dotado do código segundo o qual ela é codificada (BOURDIER, 2007). Apostando na segunda afirmação, acreditamos que se faz necessário refletir sobre o papel da prática pedagógica quanto à formação do cânone e como ela se realiza cotidianamente, para verificar de que forma esse processo ocorre e as consequências advindas das escolhas das obras pautadas somente em função da praticidade, à exemplo, o que ocorre referente a lista de obras do vestibular.

Conclusão

Ao apresentar as controvérsias do processo de formação do cânone e sua condição na contemporaneidade, esse trabalho reflete e tenta buscar os determinantes que contribuem como gargalos na formação do cânone e como resposta aponta, principalmente, para o horizonte da matriz literária (eurocêntrica) que sustenta a história da literatura tradicional.

Ainda para finalizar essa breve discussão, seria necessário dizer que como toda construção humana o processo de formação do cânone sempre vai passar por alterações e inserções as mais variadas, dependendo sempre das diretrizes do momento histórico, uma vez que a literatura é fruto sócio-histórico por ser próprio ao ser humano decorrendo daí o caráter ideológico da mesma.

Outro fator essencial a esse debate é a noção da necessidade dos indivíduos em demarcar seu poder e a literatura não se encontra longe dessa realidade, uma vez que existe uma “aristocracia artística” (CASANOVA, 2002, p. 38) que em termos literários tem poder suficiente para decidir o que é ou não literário e consagrar aqueles que ela designa como grandes escritores. Por isto, não é correto tratar o cânone como uma categoria estanque, uma vez que essa mesma aristocracia literária pode marginalizar uma obra em um determinado contexto, mas, posteriormente, a que a suceder poderá fazer seu reconhecimento e inserção.

Referências Bibliográficas

- 1] BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- 2] BOURDIEU, Pierre. “**Títulos de nobreza cultural**” In: *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- 3]
- 4] CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras/ Pascale Casanova: Tradução Marina Appenzeller**. – São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- 5] COMPAGNON, A. **O Demônio da Teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- 6]
- 7] MOREIRA, Maria Eunice. **Cânone e cânones: Um plural singular. Pontifícia Universidade Católica (PUCRS)**. Letras n26. Língua e literatura: Limites e fronteiras. Disponível em: http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r26/artigo_8.pdf Acessado em: 03/01/11
- 8]
- 9] PERRONE-MOISÉS, L. **Altas Literaturas: Escolha e Valor na Obra Crítica de Escritores Modernos**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.
- 10]
- 11] ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. São Paulo: Contexto,
- 12] 1988.

iAutor(es)

Profa. Esp. Aline Ferreira DURÃES.
Unidade de Ensino Superior do Sertão da Bahia (UESSBA).
aline_duraes@yahoo.com.br